

ESPIA, MÃE, VOCÊ JÁ REPAROU QUE AQUI NÃO TEM URUBU?

Welber S. Braga

Para o Ronald e a Dalva, que devem
estar olhando o mesmo azul.
Pensando.

«O almoço está na mesa.»

(O almoço está OUTRA VEZ na mesa.)

«Está muito boa, a couve.»

«A verdura daqui é sempre fresca. Antigamente, a gente só encontrava porcaria. Vê se eles deixam ficar velha, agora, de um dia pro outro!»

«É... Está melhorando, mesmo. A fruta daqui também é muito gostosa».

«A que horas você vem pro lanche?»

(A que horas você vem DE NOVO para o lanche? A que horas, novamente?)

«Olha como o céu está limpo. É impressionante como ar é limpo, aqui.»

«Eu nunca vi um lugar com o ar tão limpo. Quando você nasceu, era sempre assim.»

«Eu tinha até esquecido...»

«Eu acho lindo um dia claro desse jeito, com o ar tão limpo.»

«Eu ainda não me acostumei.»

«A que horas você vem pro lanche?»

(A que horas você vem andando pelo ar tão limpo que chega a doer, debaixo do céu sem mancha, a que horas você vem andando sobre os tons que mudam contra a barra reta do horizonte, a que horas você vem dentro do entardecer sem ondulações, tomando forma de tão perto, soltando o seu corpo dos restos de colorido antes da noite na planura, cruzando os primeiros halos de iluminação na rua, para comer sua verdura fresca, mastigar suas frutas tão gostosas que tem por aqui, agora? A que horas você vem perdido pelo ar tão limpo se engrossando de escuridão, boiando no meio do dourado e dos borrões dispersos do arvoredo, com as bordas de seu contorno dissolvidas sobre o ocaso e com o roxo da noite se agarrando no fundo das rugas de seu rosto, a que horas você vem para engolir o verde lavado dessas folhas, e a papa amarela das bananas, e o seu almoço do dia seguinte, antes do lanche, que está posto já para amanhã na mesa? E o outro lanche? A que horas, QUANDO, você vem?)

«Olha a pombinha na janela!»

«Elas estão vindo comer a canjiquinha?»

«Estão, todo dia. E estão bebendo a água toda. Não tem nem sombra da comida que eu pus de manhã, você quer ver? Elas estão se acostumando a vir comer aqui.»

«É, elas estão se acostumando...»

(Elas já estão se acostumando, em toda manhã. Toda manhã bem fresca, com o sol de raspão pegando os topos e as pombas voando de um prédio até outro. Esparramando a luz com os côncavos das asas. As pombas acostumadas com toda manhã. TODA MANHÃ. Depois, o dia derretido em brasa se apagando no vidro violeta de mais uma noite, a transparência de mais uma noite. E o lanche. E a ponte do sono. E o sol pegando de raspão os topos claros,

brilhando de orvalho. E as pombas voando de um prédio até outro. Acostumadas com toda manhã. E as frutas, e o ar, e o lanche limpos. EM TODA MANHÃ.)

«Bom, já vou indo.»

«Você está indo cedo, hoje.»

«Acho que estou pegando o jeito, já.»

«A gente está se acostumando... Você vem tarde?»

«Não sei. Acho que não. Vou ver se chego cedo, para o lanche.»

«Olha como é que o céu está limpo.»

«Aquela couve estava muito boa.»

«É impressionante como o céu aqui é limpo...»

(O céu coado e limpo, deixado parado para repousar. Ele foi caminhando devagar para o meio da sala e, de repente, ele ficou imóvel lá, espiando longamente a linha lisa da chapada, no horizonte, e os traços brancos dos blocos de prédios, e o verde da grama rala se agarrando pelo chão, e os troncos sujos de vermelho, e o azul se encurvando. Ele espiou o fundo do azul que iria se esquentando sem uma mancha, até queimar. Só mudaria a cor, no fim da tarde. Na hora em que viesse para o lanche, surgindo das beiras do resto de claridade antes da noite na planura, atravessando os côncavos de sombra e se encharcando nas sobras de luz na boca da ponte do sono. A ponte até a outra manhã. E o sol pegando de raspão os topos claros, queimando o orvalho. E as pombas voando, e o lanche, e o céu, e o ar tão limpos. De toda manhã no fim da ponte antes de outra manhã.)

«É engraçado, mãe... Você já reparou uma coisa? Só agora é que eu notei o que era...»

«Reparou o quê?»

«Espia só... Eu estava sentindo que estava esquisito, não era a mesma coisa quando eu era criança, igual você falou. Você não está sentindo falta de uma coisa? Espia só...»

«Falta?... Falta de que?»